



Eurico disse que já tem 2 mil 738 eleitores no computador

Candidato de Brasília faz comício na casa do eleitor

Brasília — A tradição de encontrar os amigos em casa, herdada dos pioneiros como forma de substituir as esquinas que Brasília não tem, chegou com força à campanha eleitoral: cada vez mais, eleitores e candidatos passam a se conhecer em reuniões de pequenos grupos, criados para dar mais impulso à fria campanha que levará ao Congresso Nacional os primeiros representantes do Distrito Federal.

Candidato à Câmara dos Deputados pelo pequeno Partido Social Cristão (PSC), o economista gaúcho Eurico Borba baseou sua campanha nesses encontros. Desde março, quando decidiu-se a tentar uma vaga de deputado, ele já participou de 218 comícios em casa, através dos quais entrou em contato com 2 mil 738 eleitores, já devidamente cadastrados num microcomputador.

"Todos os dias saio com o meu fusquinha para a casa das pessoas, onde discuto a Assembléia Constituinte e apresento as minhas propostas", diz Borba, que nunca pagou cabo eleitoral nem pregou cartazes, mas apareceu entre os 30 mais cotados em pesquisas recente. "Enquanto nos comícios de rua a maioria das pessoas fica pelos cantos comendo pipoca ou tomando cachaça, nos encontros em casa todo mundo participa", afirma.

Para viabilizar as reuniões, Borba acionou todas as pessoas que conheceu em seus 12 anos de Brasília — de contínuos e secretárias a amigos de paróquia. Sabe que a eleição é difícil, vai gastar suas economias — Cz\$ 300 mil, obtidos pela aplicação em ações do Fundo de Garantia — mas acha que vale a pena. "A Constituinte é mais importante que a Revolução de 1930 e que a eleição de Tancredo Neves", compara. "Por isso, jamais me perdoaria se ao menos não tentasse participar desse processo".

Grupos

A técnica de informática Alice Mesquita de Castro não é candidata, mas concorda com

Borba. Por isso, uniu-se a colegas do Centro de Processamento de Dados do Senado e fundou, em julho, um grupo de estudo que se reuniu todas as quintas-feiras durante dois meses, para ouvir as propostas de candidatos do PSB, PMDB, PT, PCB, PC do B e PDT. Regados a vinho, os encontros nunca contaram com menos de 30 pessoas.

"Tínhamos uma tremenda curiosidade em conhecer os candidatos, pois a maior parte de nós nunca votou na vida" conta Alice. "E preferimos fazer as reuniões em casa a ir a comícios, pois o contato é super informal e muito mais produtivo".

Quem saiu lucrando com as reuniões, frequentadas basicamente por funcionários públicos sem nenhuma participação política anterior, foi o PCB. "O pessoal se identificou bastante com a proposta do partido", diz Alice. "Se eles antes só conheciam o estereótipo dos comunistas traçado pelo regime militar, agora já estruturaram um comitê do PCB no Senado".

Em cinco ministérios e seis empresas estatais sediadas em Brasília, a apatia burocrática também está cedendo espaço à conscientização política. Ali está a maioria dos 120 grupos que participam de um curso de extensão promovido pela Universidade de Brasília sobre Constituição e Constituinte. Durante duas horas semanais, eles têm se debruçado sobre apostilas que falam desde as antigas Constituições até os direitos dos negros e dos índios.

"Temos textos para todos os gostos, dos conservadores aos progressistas", anuncia Volnei Garrafa, decano de extensão da UNB, que se orgulha de ter acabado de assinar um convênio com o restaurante Moinho, reduto boêmio da cidade, para levar a discussão às mesas de bar. "As pessoas vão discutir constituinte tomando seu chopinho", alegra-se. "E a universidade vai deixar de ser tão carrancuda".